

GRUPO FAZ DE CONTA
Uma história iniciada com uma brincadeira de quintal

GRUPO FAZ DE CONTA
A history that began as a courtyard play

Angie Mendonça¹

Resumo

Este artigo tem por intuito apresentar um resumo da história do Grupo Faz de Conta, pioneiro na cidade de Uberlândia com teatro de bonecos. Iniciado nos primeiros anos da década de 90, o grupo se dedica a pesquisar algumas possibilidades em torno do teatro de animação, seja na construção dos bonecos, na animação ou na interação com outras linguagens artísticas.

Palavras-chave: teatro de bonecos, teatro de animação, Uberlândia

Resumen

Este artículo tiene por objeto proporcionar una visión general de la historia de lo Grupo Faz de Conta, pionero en la ciudad de Uberlândia con teatro de títeres. Comenzado en los primeros años de la década de 90, el grupo se dedica a investigar algunas posibilidades en torno al teatro de animación, ya sea en la construcción de los títeres, en la animación o la interacción con otros lenguajes artísticos.

Palabras-clave: teatro de animación, teatro de títeres, Uberlândia

Abstract

This article is meant to provide an overview of the history of Grupo Faz de Conta, a pioneer in the city of Uberlândia with puppet theater. Started in the early years of the 90s, the group is dedicated to research some possibilities around the animation theater, whether in the construction of the puppets in animation or interaction with other artistic languages.

Keywords: animation theater, puppet theater, Uberlândia

Com muito afeto, começo este relato sobre o percurso do Grupo Faz de Conta por uma história narrada por sua criadora. No dia 22 de julho de 1988, Maria Inês Mendonça, dona de casa, mãe de três filhas, mudava a direção da sua vida. Em um concurso promovido pela Prefeitura de Uberlândia, Maria Inês subia ao palco pela primeira vez como Vovó Caximbó – a velhinha contadora de histórias que a acompanharia por toda a sua vida – depois desse dia, nunca mais desceu.

¹ Atriz, pesquisadora e bonequeira do Grupo Faz de Conta. Universidade Federal de Uberlândia; mestrado concluído em 2015. Orientador: Prof. Dr. Mário Ferreira Piragibe. E-mail: mendonça.angie@gmail.com

Figura 01: Vovó Caximbó contando histórias em 1988



Fonte: Arquivo Grupo Faz de Conta

Contava histórias na Biblioteca Pública Municipal e se inteirava do mundo dos pequenos, das suas brincadeiras e amplitudes para o faz de conta. No quintal da própria casa, com as crianças da vizinhança e com as filhas experimentava o teatro. Os Folgados foi o primeiro grupo dirigido por Maria Inês. Em 1990, montou *A Bonequinha Preta*, de Alaíde Lisboa de Oliveira; iniciando sua trajetória com o teatro infantil. Em 1993 produziu o espetáculo *Museu da Emília*, apresentado na Semana do Livro e do Monteiro Lobato, evento realizado pela Biblioteca Pública de Uberlândia.

Os Folgados teve curto tempo de duração. Após essas duas montagens o grupo se findou, servindo de laboratório para Maria Inês Mendonça no trabalho de direção de um grupo de crianças. Logo depois, ela realizou oficinas para o público infanto-juvenil na Biblioteca Municipal e criou outros espetáculos com o grupo Pano de Boca, que também teve breve período de existência.

Passados quatro anos desde sua imersão no universo infantil, entre histórias e cursos de teatro para crianças e adolescentes, Maria Inês Mendonça fez um curso de Fantoche ministrado por Mirtes Gomes Baleeiro, na Biblioteca Pública Municipal, em 1992. Maria Inês passou a denominar o tipo de boneco aprendido nesse curso como Fantolixo, que utiliza materiais descartados. Nesse tempo, Maria Inês e mais duas amigas, Lilia Pitta e Brenda

Marques, brincavam de construir pequenas coisas para obter pequenas rendas, e no intuito de vender os bonecos em uma feira de artesanato iniciaram a sua própria coleção. Não conseguiram se desapegar das criações.

Maria Inês conta que um dia chegou com a novidade: tinha vendido um espetáculo de bonecos para uma escola (MENDONÇA M., 2014). Os bonecos, ela e as amigas já tinham; faltava só o espetáculo. Assim, com uma pequena travessura da fundadora, em 1993, iniciou-se o Grupo Faz de Conta, e nesse caráter, de pequenas e grandes travessuras da fundadora e de seus componentes, ele continua nos tempos atuais.

Figura 02: Maria Inês Mendonça (como Vovó Caximbó), Lilia Pitta e Brenda Marques brincando com os primeiros bonecos da companhia



Fonte: Arquivo do Grupo Faz de Conta

O primeiro espetáculo da companhia, produzido por esta travessura, foi um compilado de algumas histórias folclóricas e fábulas de Esopo, intitulado *Histórias Folclóricas*. Eram divertidas cenas alinhavadas com mensagens de respeito e companheirismo. A empreitada fez sucesso. Outras escolas compraram o espetáculo e as apresentações cresceram em quantidade e qualidade. O Grupo Faz de Conta dava seus primeiros passos.

No início o grupo encontrou várias dificuldades. Maria Inês Mendonça relata algumas delas, como o transporte e o espaço que tinham para construir e ensaiar:

As dificuldades sempre foram muitas, nós começamos com três pessoas, não tínhamos transporte, tínhamos que levar todo o material nos ombros, então carregávamos as estruturas de ferro para montar a empanada, os tecidos, os bonecos e outros acessórios como perna-de-pau, figurinos, era tudo carregado nos ônibus, nos braços. Depois tivemos também a falta de espaço, temos esse problema até hoje, mas antes era maior. Nós nos reuníamos para fazer a confecção dos bonecos e ensaiarmos em um galinheiro na minha casa, reformamos o galinheiro, tiramos as galinhas e colocamos uma tela mais fechada, e trabalhávamos ali. Era um espaço bastante reduzido. Então, dificuldades foram muitas. (MENDONÇA, M. 2010)

Apesar das dificuldades iniciais, a companhia comemorou vinte anos em 2013, e o jornal Correio de Uberlândia homenageou-a com uma matéria que trata da sua história. Apesar de algumas datas e dados errôneos, a reportagem foi importante para Maria Inês Mendonça, que pode contar um pouco da trajetória do grupo, dos espetáculos realizados, dos prêmios conquistados e da inauguração do Museu de Bonecos do Faz de Conta. A matéria apresentou alguns dos pilares do grupo em seu percurso:

Com o lema “Contando histórias, plantando sementes”, o Grupo Faz de Conta se materializou em 1993, com o intuito de encenar peças e roteiros fundamentados na educação ambiental e na valorização da cultura popular do Triângulo Mineiro. Das primeiras apresentações, que tiveram o apoio da família, ao atual momento do grupo, Maria Inês orgulha-se dos 17 espetáculos apresentados nos últimos 20 anos. (PACHECO, 2013)

Desde seu surgimento, o grupo contou com fundamentos que o acompanhariam por toda a sua trajetória: a participação familiar, a cultura popular e a reutilização de materiais.

Entre idas e vindas, a fundadora sempre contou com a participação das filhas para o trabalho. Pollyana Mendonça, a primogênita, por anos esteve presente em quase todos os tipos de função: construiu bonecos, manipulou, atuou, fez trilha sonora e elaborou críticas. Após acompanhar a mãe pelos palcos, escolas e praças, se distanciou temporariamente da prática artística e optou por uma contribuição ao grupo na forma contundente de assessoria antropológica, na produção e sobretudo na reflexão sobre temas a serem escolhidos, bem como nos modos de abordagem.

A segunda filha, Tayná Mendonça, também teve como primeira experiência a arena e os títeres, preferindo construí-los. Participou de quase todos os espetáculos do grupo, seja como construtora, seja como atriz-animadora. De muito perto viu o Faz de Conta crescer e se profissionalizar, sendo responsável por grande parte das descobertas do grupo na construção dos bonecos, pois se interessou e pesquisou amplamente o tema. Depois de anos no grupo, Tayná continuou seu envolvimento com as artes, mas longe do palco. Em seu retorno para o grupo, contribuiu na construção dos bonecos, principalmente em seus acabamentos e figurinos.

A terceira filha, esta que vos fala, desde muito cedo tomou gosto por tudo e ficou. Se esbaldou nas diferentes áreas de criação, verticalizou suas raízes no grupo e se aprofundou em estudos e pesquisas. Compreendeu a importância do trabalho coletivo e, por isso, valoriza a contribuição dos muitos integrantes que passaram e especialmente dos que atuam até hoje no Faz de Conta, de alguma forma adotados pela família, preservando e reforçando essa característica presente desde a origem do grupo.

O segundo fundamento é a cultura popular, que sempre habitou o terreiro de nossa casa. Inserida por minha mãe, ditou nossas brincadeiras, nossos costumes, nossos trabalhos. Pollyana ampliou o espectro de atuação do grupo quando trouxe referências de povos indígenas e comunidades quilombolas com os quais trabalha. Os espetáculos apresentam sempre, cada um a seu modo, com maior ou menor abrangência, traços da cultura popular brasileira.

O terceiro fundamento foi erguido como fruto da pesquisa dos integrantes e, ao mesmo tempo, como necessidade prática. Nos primeiros espetáculos, em decorrência do curso feito por Maria Inês Mendonça, os bonecos foram confeccionados de material descartado. O Fantolixo utiliza frequentemente embalagens, caixas de sapato, potes de margarina, vasilhames de água sanitária e afins. Por algum tempo, essa foi a matéria prima na construção dos bonecos no Faz de Conta. Somente depois, devido à influência que o grupo recebeu de outros participantes e da própria investigação de Maria Inês Mendonça, foram empregados materiais como isopor, espuma, látex e fibra de vidro, entre outros. Anos mais tarde, alguns integrantes voltaram a sugerir o uso do material descartado, dessa vez usando toda sorte de objetos encontrados no lixo.

Em resumo, até aquele momento, raras vezes o grupo teve verba suficiente para produzir os espetáculos. A compra do material para a construção dos bonecos, um dos itens mais caros do orçamento, era o primeiro a ser cortado. A solução frequente era conseguir outros materiais que fossem baratos ou mesmo gratuitos. Sobre esse fundamento, o grupo também construiu suas identidade e proposta de pesquisa. Atualmente, apesar de abordar maneiras de construção e animação diferentes a cada montagem, privilegiam-se os materiais descartados para a feitura dos bonecos.

Após a montagem do *Histórias Folclóricas*, ainda com o Fantolixo e a mesma temática, o grupo produziu *O Leão e o Ratinho*. Trata-se também de uma fábula de Esopo, que propõe a amizade independentemente de tamanho e força dos seres. Pela praticidade de montagem e locomoção dos bonecos e cenários, que podem ser transportados em duas sacolas de feira, como também pelo número reduzido de atores-animadores (de um a três), essa peça permanece no repertório do Faz de Conta e recebeu diversas versões dos títeres. Por muitas vezes, Maria Inês Mendonça atuava nesse espetáculo como Vovó Caximbó, do lado de fora da barraca de animação. Ela fazia um misto de narradora e mediadora da história, principalmente quando os atores-animadores se empolgavam nas brincadeiras e perdiam o

foco do enredo. O recurso da Vovó Caximbó do lado externo da empanada foi também empregado em outros espetáculos.

Figura 03: *O Leão e o Ratinho* (1994) – Vovó Caximbó no lado externo da empanada



Fonte: Arquivo do Grupo Faz de Conta

O próximo espetáculo do grupo, *A Floresta que era Verde*, surgiu em 1994 para cumprir uma demanda externa solicitada pela Secretaria do Meio Ambiente. A peça tem por temática a educação ambiental e conta a história de um sapo jardineiro que se apaixona por uma flor. Com a ajuda de uma fada maluca, eles derrotam a bruxa Mocreia Poluição. Essa peça utiliza o mesmo tipo de bonecos das anteriores, *o muppet*, e pelas mesmas facilidades de *O Leão e o Ratinho* faz parte ainda hoje do repertório do grupo, passando por várias alterações, influenciadas pelos profissionais da equipe.

Figura 04: *A Floresta que era Verde* (2004)



Figura 05: *A Floresta que era Verde* (2010)



Fonte: Arquivo do Grupo Faz de Conta

Em 1996, Brenda Marques se afastou do grupo e entraram novos integrantes. Nesse mesmo ano, o grupo recebeu Luiz Alberto Sousa, artista plástico. Sousa tinha feito uma oficina de construção de bonecos com o grupo Giramundo e trouxe as novidades aprendidas

na capital mineira para o Faz de Conta. A partir de então, o grupo conheceu novas técnicas de construção e animação.

Ainda em 1996, o Faz de Conta montou *Uma História de Sexta-Feira*, baseado no livro de Maria Heloísa Penteadó. É sobre a saga de Iraê Serelepe, um esquilo que não quer ir para a escola na sexta-feira, e se esconde de Dona Zuza, a coruja professora. Na fuga encontra o Saci Pererê à procura de fumo. O Saci, como não pode pedir fumo aos homens na sexta-feira, se não vira fumaça, decide ir até a casa da sua prima Cuca. De acordo com a lenda popular, se a Cuca vê o Saci numa sexta-feira, ela se transforma em pedra. O Serelepe vai atrás do Saci e, quando entra na casa da Cuca e a vê paralisada, acredita que ela tenha se transformado em estátua. O esquilo tripudia dela – que afinal não estava petrificada – e é pego pela Cuca. Serelepe é salvo de virar ensopado graças a Mefisto, o gato da Cuca. Retornando para escola, Serelepe encontra Dona Zuza que conta para ele a confusão feita com a folhinha do calendário, pois na realidade aquele dia era um sábado.

Figura 06: *Uma História de Sexta Feira* (1996) – Cuca e seu livro de receitas Bráulio
(Atrizes-animadoras: Maria Inês Mendonça e Lilia Pitta)



Fonte: Arquivo do Grupo Faz de Conta

Alguns dos bonecos deste espetáculo são tão emblemáticos que, apesar de a peça não fazer parte do repertório há anos, continuam na oficina sendo desmontados e reconstruídos para experimentar novas técnicas. *Uma História de Sexta-Feira* marca o surgimento da percepção de criar novas possibilidades de construção no Faz de Conta. Até então, a companhia vinha repetindo a fórmula do Fantolixo; com o novo espetáculo, o coletivo e principalmente Maria Inês Mendonça reconheceram um potencial criador e investigativo. Depois da experiência, o grupo expandiu seus limites para a invenção.

O espetáculo *Coração de Vidro* (1997), realização subsequente, apresenta alguns traços de similitude com o processo anterior. Usando o mesmo material, isopor e espuma, o

grupo se arriscou a experimentar diferentes possibilidades de construção-animação, levando para a cena bonecos de vara, habitáveis e de luvas, todos inéditos no grupo. O tema da conservação ambiental voltava ao palco.

Após *Coração de Vidro*, Luiz Alberto Sousa se despediu do grupo, deixando um rico legado. Por meio do conhecimento dele e do interesse dos outros participantes, o Faz de Conta investiu nas experimentações na etapa de construção. A descoberta de muitas possibilidades de construção e a busca por novas técnicas foram e continuam sendo um grande desafio e um prazer para os integrantes.

Em 1998, a companhia montou *Barata Tonta*, homônima do livro de Maria do Carmo Brandão. O grupo trouxe novidades experimentando bonecos de manipulação direta feitos de espuma e mesclando ao teatro de objetos. A peça conta a sina de uma baratinha em dia de dedetização e é mantida em repertório com os bonecos originais. Existe um apreço grande por esta historietta devido à singeleza dos bonecos, do tema e do modo como é contada.

Figura 07: *Barata Tonta* (1998) – Barata mãe, baratinha no chão e sapatos ao lado.



Fonte: Arquivo do Grupo Faz de Conta

Até meados dos anos 2000, o Grupo Faz de Conta produziu e montou espetáculos de forma profícua. Maria Inês Mendonça se aventurou em monólogos para adultos com *A Moça Tecelã*, enquanto o grupo montou diversas cenas de palhaços, algumas somente com atores, sem bonecos. Nesse interim, Lilia Pitta se afastou do grupo. Do início de 1998 até o início de 2000, possivelmente, o grupo montou mais três espetáculos relevantes com bonecos. A data de montagem de cada um dos três é incerta, pois não existem arquivos sobre suas estreias.

Desses espetáculos montados, talvez o primeiro tenha sido *Auto de Natal*, com bonecos de manipulação direta. Contava a história de Pedrinho, um garoto pobre que não acreditava em Papai Noel, já que ganhava sempre carrinhos quebrados. O espetáculo foi remontado em 2010, com novos bonecos e uma trama complexa. Com ele, o grupo descobriu

Figura 08: *Barata Tonta* (2006) – Baratinha e sapatos. (Atores-animadores: Tayná Mendonça, Maria Inês Mendonça e Pedro Maciel.)



os bonecos antropomorfos, com proporções humanas aproximadas à escala real, e pela primeira vez criou coletivamente o roteiro original.

Os outros espetáculos do período foram *Uma História de Amor*, de Regina Coeli Rennó, que empregou bonecos de espuma e contava a história de amor entre três lápis, e *Feliz Aniversário Lua*, adaptação da história de Frank Asch sobre um ursinho que tenta presentear a lua. Neste último, o grupo experimentou o teatro de sombras.

Após essa primeira fase, o Faz de Conta, por vários motivos, não montou peças de grande relevância. Maria Inês Mendonça, pivô da companhia, estava envolvida em outros projetos. Integrantes entravam e saíam do grupo sem acrescentar substancialmente nas produções. Alguns espetáculos foram reencenados, outros interrompidos e os bonecos guardados. Essa fase foi integralmente importante para agregar conhecimentos, encetar pesquisas e experimentações. Muitas vivências do período foram seminais e tiveram repercussão nos espetáculos da próxima fase do grupo.

Depois de aproximadamente oito anos sem nenhuma grande estreia, Maria Inês Mendonça obteve auxílio por meio do Edital Municipal de Incentivo à Cultura e iniciou a produção do espetáculo *História Contada: Porta Aberta, Semente Plantada*. Em maio de 2008, a peça entrou em cartaz no Teatro Rondon Pacheco. No total, foram cerca de 60 apresentações em oito cidades, com público estimado de 16.000 pessoas. O Grupo Faz de Conta renascia na cena cultural do Triângulo Mineiro.

O espetáculo foi elaborado a partir da tradição secular da contação de histórias. É apresentado pela personagem Vovó Caximbó e acompanhada por músicos ao vivo. A montagem foi precedida por uma pesquisa empreendida na região, sobretudo com pessoas idosas, visando compilar contos e narrativas de cunho oral, buscando referências nas festas populares e em manifestações tradicionais.

Foram coletadas histórias em praças, parques, bares e vendas. Das 156 histórias transcritas foram selecionadas cinco para a peça. Para contar as histórias, foram usados vários recursos do teatro de animação.

Nesse ano, estreitou-se um vínculo que seria fundamental para o retorno teatral do grupo. Para a direção do espetáculo, Maria Inês Mendonça convidou Marcelo Ribas, ator, bailarino e diretor. Apesar da ampla experiência de Ribas com o teatro, o espetáculo marcou a estreia dele no uso de bonecos.

Marcelo Ribas, a partir desse ano, dirigiu quase todos os espetáculos do Faz de Conta. Quando não o fez, contribuiu na direção. Ribas conseguiu um diálogo fino com os integrantes da companhia, que lhe renderam confiança e gratidão por sua contribuição.

Outro parceiro fundamental naquele momento e todos os outros vindouros é Rafael Naufel, que tinha participado do grupo anos antes e se afastara do Faz de Conta. Naufel retornou à cidade e à companhia na hora certa. O espetáculo estava em andamento, mas necessitava de força trabalho na oficina. Naufel embarcou na construção dos bonecos e cenário. Foi “adotado” pela família. Desde seu retorno, é peça chave nas criações do Faz de Conta.

Figura 09: *História Contada: Porta Aberta, Semente Plantada* (2008) – Amélia, Gabriel e Vovó Caximbó. (Atores: Joana D’arc, Gabriel Alves e Maria Inês Mendonça)



Fonte: Arquivo do Grupo Faz de Conta

Essa montagem teve grande importância para o Grupo Faz de Conta, para além da sua volta à cena cultural da cidade, por ter reunido integrantes que permanecem no grupo ativamente e reavivado em Maria Inês Mendonça o prazer de criar no teatro de animação. Estabeleceu ainda uma nova forma de produção da companhia, obtida por meio de editais públicos de fomento ao teatro.

Após a experiência bem vinda do *História Contada*, o grupo produziu o espetáculo *O Casamento da Dona Baratinha*, em 2009, novamente com o auxílio obtido por meio do Edital Municipal da Lei de Incentivo à Cultura.

O Casamento da Dona Baratinha é uma releitura da fábula homônima de domínio público. Mas no espetáculo do Faz de Conta, ao invés de achar apenas uma moeda, Dona Baratinha ganha na loteria e se torna milionária. Outra mudança: tanto a protagonista quanto os pretendentes representavam os sete pecados capitais. Além disso, algo do *non-sense*

utilizado em outros espetáculos foi retomado nesse. O Bode Expiatório, que representava a Inveja, não era um pretendente. Ele fazia aparições diversas tentando capturar o bilhete premiado enquanto fugia da Garra, boneco que não se relacionava com a história. No final da peça, depois que Dom Ratão (representando a Gula) cai na panela de feijoada, Dona Baratinha termina fazendo uma viagem ao redor do mundo, diferentemente do que ocorre no original, em que a protagonista acaba deprimida.

Figura 10 (A) e (B): *O Casamento da Dona Baratinha* (2009).
Dona Baratinha antes e depois de se tornar milionária.



Fonte: Arquivo do Grupo Faz de Conta

O Faz de Conta entendeu ser proveitoso estreitar laços com o grupo Giramundo e aprender um pouco do seu processo de trabalho. Com a verba oriunda da Lei de Incentivo para o espetáculo *O Casamento da Dona Baratinha*, o grupo tinha melhores condições de investir na sua realização e promoveu, em janeiro de 2009, em Belo Horizonte, uma oficina de construção de bonecos para seus integrantes, coordenada por Paulo Emílio Luz, então integrante da companhia Giramundo. Paulo Emílio Luz apresentou o método de trabalho do Giramundo: o projeto de um boneco. Para o Grupo Faz de Conta, a oficina proporcionou um grande aprendizado. A companhia reconfigurou o método aprendido à sua realidade. Atualmente, o Grupo Faz de Conta faz uso do projeto no planejamento da construção, mas sem preocupar-se em realizá-lo integral e literalmente, acreditando nas possibilidades que a criação compartilhada pode oferecer ao processo.

Nesse processo Rafael Mazer, artista plástico e tatuador, foi convidado para desenhar uma tatuagem no braço de um dos bonecos. O detalhe que Mazer não esperava era que o boneco ainda não tinha a pintura de base. O artista “aproveitou a viagem” e pintou o boneco, assim como todos os outros do espetáculo. E já que estava ali, ali ficou. Desde aquele dia,

Mazer participou de todas as criações da companhia, trabalhando em todas as etapas. É membro fundamental do Faz de Conta. Foi “adotado” e integrou-se à família.

A trilha sonora de *O Casamento da Dona Baratinha* foi feita a partir de músicas de domínio público, gravadas por músicos de Uberlândia em diversos ritmos. Junto à trilha, gravaram-se também as vozes dos bonecos. A escolha dos diálogos gravados aconteceu em decorrência do fato dos animadores serem estreantes no teatro, e para priorizar a animação, decidiu-se pelas vozes em off.

Esse espetáculo, também pela complexa logística, não faz parte do repertório do grupo no momento. Os bonecos utilizados fazem pequenas cenas em outros trabalhos do grupo e esperam ansiosos, expostos no Museu de Bonecos, o retorno coletivo ao palco.

Essa montagem foi de extrema importância para o Grupo Faz de Conta, que pela primeira vez teve contato com o projeto detalhado do boneco. Atualmente, usa este método de trabalho com modificações, que foram sendo feitas no decorrer da experiência do grupo.

Em 2010, o Faz de Conta concorreu a um prêmio da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia, denominado Auto de Natal, para montagem e apresentações de espetáculo natalino. O grupo conquistou o prêmio e decidiu recriar a história de Pedrinho, de meados dos anos 2000. Surgiu então *Um Natal para Pedrinho*.

A nova produção se iniciava com o boneco do personagem Velhinho, que narrava a história e, pedindo licença ao público, se disfarçava de gari para observar o desenrolar da trama. Pedrinho era um garoto engraxate que se encontrava com Maria, sua amiga, na pracinha da cidade. Foi mantido, como no original, o mote central: Pedrinho não acreditava mais em Papai Noel, pois em todos Natais só ganhava carrinhos quebrados. Maria, filha do dono da loja de brinquedos, ao contrário do garoto engraxate, acreditava no bom velhinho, uma vez que ele lhe dava tudo o que ela pedia. Mas se desvela, ao longo da história, que apesar de ganhar muitos brinquedos Maria quase nunca via seu pai, sempre muito ocupado. Ao mesmo tempo, Pedrinho perdia a crença no espírito natalino e passava por dificuldades diferentes, entre ser acusado de roubo e ver a mãe perder o emprego. No final, o pai de Maria se redime com a filha e oferece um trabalho para a mãe de Pedrinho em sua loja. O Velhinho, que contribuíra para o desfecho da trama, se disfarça de Papai Noel e realiza o último desejo de Pedrinho, presenteando-o com um carrinho novo.

Assim, com a primeira estrutura dos bonecos pronta, os ensaios foram iniciados. E, de acordo com as propostas de cena, foram feitas alterações nos mecanismos dos bonecos que

não tinham sido previstas no projeto. Os integrantes abriram mão de cumprir o proposto no desenho executivo e expandiram a criação aos limites da cena.

O anteparo do projeto do boneco contribuiu para esse processo. Mas o grupo conseguiu se desvencilhar de segui-lo rigorosamente. As possibilidades que os materiais descartados davam à construção também aumentaram a percepção do coletivo para novas investigações. Apesar de muito curto o tempo de trabalho em *Um Natal para Pedrinho*, foram três meses para cumprir todas as etapas. O saldo foi uma rica experiência para o grupo. O espetáculo integra o repertório do Faz de Conta até hoje.

Figura 11: *Um Natal para Pedrinho* (2010) – apresentação.
Pedrinho e Maria (Atores-animadores: Maria Inês Mendonça, Txapuã Vasconcellos, Angie Mendonça e Rafael Naufel).



Fonte: Arquivo do Grupo Faz de Conta
Foto: Peruzzo

Nessa temporada de estreia, *Um Natal para Pedrinho* teve sua última apresentação em 25 de dezembro de 2010. No dia 04 de janeiro de 2011, a equipe se reuniu para mais uma empreitada. Dessa vez, *Dum Dum Cererê* ocuparia as paredes, mesas e máquinas da oficina do Grupo Faz de Conta. Agraciado pelo projeto Boca de Cena da Secretaria Municipal de Cultura, iniciamos esse trabalho sobre o pó do anterior.

Dum Dum Cererê é a adaptação de uma história folclórica que conta a trajetória da Mariana, menina sapeca que ao passear em noite de lua cheia encontra o bicho papão dos seus pesadelos, o Dum Dum Cererê. Monstro com partes do corpo exageradas e uma fome imensa, é capaz de devorar uma criança inteira de uma só vez. Para se livrar dele, Mariana pede ajuda para o Padrinho, a Vó Antônia e a Mãe, batendo de porta em porta pedindo comida aos familiares para saciar a gula do bicho. Todos se recusam a abrir a porta. A garota, já se sentindo na barriga do monstro, acorda na cama e entende que tudo não passou de um sonho.

As últimas cenas apresentam Mariana brincando com o Dum Dum Cererê, convidando-o para comer pipoca em sua casa e conversando como bons amigos.

Figura 12: *Dum Dum Cererê* (2010)
Mariana (Atriz-animadora: Maria Inês Mendonça)



Figura 13: *Dum Dum Cererê* (2010)
Dona Antônia e Mitz, a gatinha
(Atores-animadores: Rafael Mazer e Angie Mendonça)



Fonte: Arquivo do Grupo Faz de Conta

A primeira etapa do processo foi a escolha do tipo de boneco a ser animado. Existia um desejo antigo de Maria Inês Mendonça de construir e animar marionetes. Para compor a família deste espetáculo, optou-se por marionetes com altura média de 40 cm. O Dum Dum Cererê, para contrastar com o tamanho das marionetes, seria um boneco habitável de 1,80 m de altura, com boca, nariz, três olhos, mãos e pés exageradamente ampliados.

Definida a forma de construção dos bonecos, o grupo criou o roteiro embasado na história que Maria Inês Mendonça conta como Vovó Caximbó e partiu para os projetos. Como a marionete era uma novidade para a companhia, decidiu-se aplicar um maior empenho no desenho técnico, para que abrangesse todos os aspectos possíveis do boneco sem grandes surpresas no momento da animação.

Dum Dum Cererê é o espetáculo do Faz de Conta mais apresentado atualmente. A equipe pequena, a facilidade do transporte e o produto final, do agrado de todos os membros da companhia, são fatores que levam esses bonecos a retornar frequentemente à cena nos últimos anos.

Em 2012, o Faz de Conta se propôs à sua mais ousada brincadeira: a montagem do espetáculo *Cerrado, entre cascas e raízes*. Fruto do enraizamento na cultura popular e no debate dos modos de vida integrados com a natureza, serviu ao mesmo tempo para que o grupo levantasse voo em experiências de maior complexidade. Nessa aventura, o Faz de Conta se dedicou tanto a mesclar tradição com inovação quanto a construir bonecos gigantes e colocar pela primeira vez a equipe atuando também sem bonecos.

Figura 14: *Cerrado, entre cascas e raízes* (2012) – apresentação.

Hugo Vilela, Rafael Mazer, Rafael Naufel, Camila Merola, Ana Zumpano, Maria Inês Mendonça, Marcella Prado, Douglas Santos, Angie Mendonça e Raphael Faria.



Fonte: Arquivo do Grupo Faz de Conta

Foto: Pollyana Mendonça

Criar bonecos de grandes dimensões foi uma premissa do projeto. Outras premissas foram a educação ambiental e a cultura popular cerradina. O espetáculo tem como mote as perdas do ecossistema com o avanço do “progresso”. Para compor o texto da peça, os participantes do grupo se basearam em trechos do livro *Caçadas de Vida e Morte*² e do conto “Pau de Atiradeira”³, nas orientações do biólogo Vinício Coeli para questões sobre o bioma e na assessoria antropológica de Pollyana Mendonça:

Para tanto, foi realizada extensa pesquisa de campo que envolveu Unidades de Conservação, Terras Indígenas, Comunidades Quilombolas, instituições e muita gente do campo e das cidades. Daí floresceram histórias, cantigas, rezas, mitologias indígenas, ritmos e informações técnicas.

Em um empenho de criação coletiva, plantamos em praça pública um espetáculo multimídia que versa sobre a importância do Cerrado, suas águas, as paisagens, a fauna e flora, a histórica ocupação humana em intimidade com o bioma, a cultura popular, a espiritualidade; e logo o descaso, a ignorância, a degradação, e a urgente necessidade de conservação.

Acreditamos na tomada de consciência frente às imposições massificantes, nas reflexões pessoais sobre o consumo e nas atitudes cotidianas em prol de uma existência integrada e harmoniosa com a natureza. (MENDONÇA P., 2012)

Em acordo com essa motivação e dando continuidade a práticas anteriores do grupo, os bonecos foram construídos com materiais descartados e incorporou, dessa vez, matéria prima residual do Cerrado.

Também pela primeira vez o grupo usou uma profícua experimentação de teatro, música, dança, circo, recursos audiovisuais e bonecos gigantes, com foco não só no público

² CUNHA, João Gilberto Rodrigues da. *Caçadas de vida e de morte*. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2000.

³ MENDONÇA, Maria Inês. *Pau de Atiradeira*. In: LIMA, A. et al. *Contos e crônicas*. Uberlândia: Sec. Mun. Cultura, 2012

infantil. Carlos Guimarães Coelho, em uma crítica no jornal *Correio de Uberlândia*, percebeu bem o intuito do grupo, nos fazendo refletir sobre as razões do êxito obtido:

Uma companhia teatral da cidade, até então movida pelo interesse em despertar nas crianças a sensibilidade para refletir sobre o mundo por meio das expressões artísticas, amplia o seu foco para todas as idades e surpreende os espectadores com o esmero de uma produção sob a bandeira de nosso ecossistema. “Cerrado, entre cascas e raízes”, em cartaz por espaços públicos da cidade, traz à cena um grupo Faz de Conta amadurecido, comprometido com a realização cênica em alto nível e, o melhor, despretenso no sentido de permitir que o vigor do tema e da cena sobressaia-se a quaisquer vaidades e hierarquias. (COELHO, 2012)

O ponto propulsor deste espetáculo foi a idealização do boneco Carcará, que seria um boneco gigante, símbolo do bioma a ser tratado. Mas ninguém da equipe possuía experiência com a construção de um boneco gigante. Inicialmente, Maria Inês Mendonça cogitou algo próximo de nove metros de altura, mas foi dissuadida pelo coletivo a se contentar com três metros.

O boneco acabou medindo quatro metros de altura, seis de comprimento e seis de largura. Ao contrário dos demais bonecos da peça, o Carcará não foi tão facilmente construído e demorou dez meses para ser terminado. Foram inúmeras idas e vindas entre a oficina e a sala de ensaio. No fim do processo de construção, decidiu-se que apareceria só no encerramento da peça, fazendo um grande giro sobre o público, ao som de tambores. Ainda assim, a sua presença foi fundamental ao espetáculo.

Ganhou o espaço de ciclorama. Manteve-se calado, quieto, na espreita, como uma verdadeira ave de rapina; recebeu vídeos na sua cobertura, sombras brincaram em seus contornos, fizeram de suas ferragens uma mata. Ele, gigante imponente, esperando seu momento de voar em rasante sobre a platéia que se deslumbrava com o portento.

E nós, construtores e manipuladores, corremos frenéticos durante dez meses, testando materiais, que adquirimos no ferro velho; pesquisando aerodinâmica, eixo gravitacional, distribuição de peso. E, quando acreditávamos que estávamos próximo ao fim, o espetáculo exigia mais. Um boneco maior, talvez, ou quem sabe com mais movimentos. E lá íamos nós para a oficina a nos dedicar ao símbolo do espetáculo. Tantas vezes nos empolgamos com uma grande conquista, tantas vezes nos frustramos com um quebrado na asa, ou entortado na haste de sustentação.

Iniciamos através deste boneco uma pesquisa sobre a metodologia de construção em diálogo íntimo com a montagem do espetáculo, recebendo interferências, fazendo sugestões, se modificando e modificando o todo, criando possibilidades para o teatro de animação.

E no final, descobrindo o tecido branco, e mirando de frente a reação de surpresa do público. Investimos nosso brado para o Carcará, para o Cerrado e para o Grupo Faz de Conta: Avôa!

Figura 15: *Cerrado, entre cascas e raízes* (2012)



Fonte: Arquivo do Grupo Faz de Conta
Foto: Tayná Mendonça

Bibliografia

BALARDIM, Paulo. **Relações de vida e morte no teatro de animação**. Porto Alegre: Edição do autor, 2004.

BELTRAME, Valmor Níni. Marionetista, Manipulador, Ator-Animador e outras nomenclaturas. **Revista do FENATIB**, Blumenau, n. 9, p. 34-36, [2007].

CAVALCANTE, Caroline Maria Holanda. A interpretação com o objeto: reflexões sobre o trabalho do ator-animador. 2004. 134 f. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Curso de Mestrado em Teatro, Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2008.

COELHO, Carlos Guimarães. O voo mágico do Faz de Conta. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 01 de mai. de 2012. Revista B4.

GRUPO FAZ DE CONTA. **Cerrado, entre cascas e raízes**. Roteiro do espetáculo, 2012.

MENDONÇA, Angie. **A Oficina e a Sala de ensaios**: discussões sobre criação compartilhada no teatro de animação. 2015. 179 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

MENDONÇA, Maria Inês. [Desvelando processos de criação]. Uberlândia, 20 mai. 2015. Entrevista concedida a Angie Mendonça.

_____. [Museu de Bonecos Faz de Conta]. Uberlândia, 24 fev. 2010. Entrevista concedida a Rafael Naufel.

MENDONÇA, Pollyana. **Cerrado, entre cascas e raízes**. Programa do espetáculo, 2012.

PACHECO, Pablo. Grupo Faz de Conta, com sede no bairro Fundinho, completa duas décadas de história. **Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 28 jul. 2014. Revista. Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/entretenimento/grupo-faz-de-conta-com-sede-no-bairro-fundinho-completa-duas-decadas-de-historias/>. Acesso em: 01 jun. 2015.

PIRAGIBE, Mário Ferreira. **Manipulações: entendimentos e usos da presença e da subjetividade do ator em práticas contemporâneas de Teatro de Animação no Brasil**. 2012. 399 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2012.

PIRAGIBE, 2007. **Papel, tinta, madeira e tecido...** Um estudo da conjugação de elementos dramáticos e espetaculares no teatro contemporâneo de animação: a experiência da companhia *PeQuod*. 2007. 203 p. Dissertação (Mestrado em Teatro) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2007.

TILLIS, Steve. Rumo a uma estética do boneco: O boneco como arte teatral. In: PIRAGIBE, Mário Ferreira. **Manipulações: entendimentos e usos da presença e da subjetividade do ator em práticas contemporâneas de Teatro de Animação no Brasil**. Rio de Janeiro: 2012. p. 224-373

Recebido: 31/08/2015
Aprovado: 20/09/2015
Publicado: 31/10/2015